



**JOSÉ FERREIRA MACHADO**

**ESTADOS DE ALMA**

## De doente a super-homem: lições do milagre alemão

Sol - 21 fevereiro 2014



BRITTA PEDERSEN/LUSA

Em finais do século passado e no início deste, a Alemanha era uma economia em crise. Entre 1998 e 2005 o produto havia crescido em média 1,2% e a taxa de desemprego atingia os 11,1%. A revista *The Economist* chamou-lhe o 'homem doente' da Europa, reavivando um epíteto outrora reservado para o moribundo império otomano.

Em menos de uma década as coisas mudaram: em 2010, e não obstante a recessão de 2008 e 2009, o desemprego tinha caído para 7,7% da população activa e as exportações atingiam um nível recorde. A Alemanha é, agora, a estrela mais brilhante na constelação europeia.

Na génese desta evolução está uma redução sustentada durante quase duas décadas nos custos unitários do trabalho na Alemanha, que compara com o seu aumento em parceiros importantes como a Itália e Espanha, ou com a estagnação na França. Estes ganhos de competitividade espelham uma grande moderação salarial (com excepção dos salários mais baixos, que caíram em termos reais, aumentando pois a desigualdade) e os ganhos de produtividade nos sectores industriais.

Um artigo publicado no volume de Inverno deste ano do *Journal of Economic Perspectives* por alguns dos mais proeminentes economistas do trabalho alemães mostra, muito convincentemente, que este *doping* competitivo foi acima de tudo produto da descentralização sem precedentes do processo de estabelecimento dos salários e de outras condições de trabalho, registada desde meados dos anos 90. Desde então, as negociações têm sido progressivamente deslocalizadas do nível da indús-

tria ou região para o nível da empresa ou mesmo do trabalhador individual. Tanto assim é que a taxa de cobertura da negociação colectiva é de 56% na Alemanha, contra 90% na França ou 80% na Itália. Na Alemanha, 27% dos trabalhadores da indústria e 40% dos trabalhadores dos serviços transaccionáveis não estão abrangidos por qualquer acordo, colectivo ou de empresa. Ao contrário da maior parte da Europa continental, Portugal incluído! Não existem cláusulas de extensão que generalizam os acordos a todas as empresas de um sector. Ao invés,

### A Alemanha é agora a estrela mais brilhante na constelação europeia

as empresas podem livremente e a qualquer momento optar por abandonar um acordo colectivo que tenha reconhecido.

Estes desenvolvimentos, que reforçaram a competição no mercado de trabalho, foram fruto da necessidade: por um lado, das grandes dificuldades orçamentais da reunificação e, por outro, da competição dos países da Europa central. No fundo, pressões de natureza idêntica (ainda que de grau diferente) às que Portugal defronta. Mas aqui, infelizmente, a reforma foi menos decidida. Por mais que se fale em reformas do mercado de trabalho (e algumas foram feitas) faltou o essencial: os mecanismos de estabelecimento dos salários. As portarias de extensão continuam vivas e recomendam-se.